

REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM NARRATIVAS LITERÁRIAS E HISTÓRICAS

Rosana Cristina Zanelatto Santos
UFMS

Procuramos, dentre outras questões, ressaltar em nossa pesquisa de doutorado a hipótese de que há, na realidade empírica e nas formas que a representam – a literatura, a história –, uma transformação progressiva de conceitos básicos, trabalhando, mesmo que implicitamente, com a idéia da longa duração, ou seja, tentando identificar conexões entre comportamentos, mentalidade e a construção de modelos/clichês literários e históricos num período de tempo que ultrapassa os limites de períodos cronológica e factualmente marcados. Para tanto, analisamos a construção das personagens femininas – mais especificamente, Isabel de Aragão e Inês de Castro – na *Crónica de D. Dinis*, em edição organizada por Carlos da Silva Tarouca com base no texto inédito do Código Cadaval 965, e na *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, e nos poemas dramáticos de António Patrício, *Dinis e Isabel – conto de primavera* e *Pedro, o Cru*, ambas produções da década de 10 do século XX. Esclarecemos que, de início, não pretendíamos nos deter sobre as crônicas; elas nos interessavam na medida em que alguns episódios e personagens por elas retratados são o mote da ação dos poemas de Patrício. No entanto, ao longo da pesquisa, foi perceptível que as crônicas estão marcadas pela presença de personagens nas quais os traços pessoais e históricos anulam-se em favor de uma caracterização aistórica, o que nos levou a analisá-las.

Consideramos tanto o texto literário quanto o texto histórico como narrativas de acontecimentos, seguindo a distinção traçada por ARISTÓTELES em sua *Poética*:

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. (1993, 1451b, p. 53)

Acrescentemos às reflexões aristotélicas que a mão “tecedeira” das narrativas literárias e das históricas seleciona e organiza os conteúdos que lhe interessam, realizando um trabalho depurativo na construção de modelos/clichês. Nesse processo de seleção – aqui nos referimos de modo especial aos textos analisados em nossa pesquisa de doutorado –, insere-se “(...) a mulher ausente [, morta,] – lar simbólico eminentemente receptivo e sem qualquer dúvida superinvestido onde, a despeito de si mesmos, os homens albergam as suas contradições e os seus sonhos.” (MICHAUD, [s.d.], p. 148)

O mote do cavaleiro que serve sua dama por amor, mesmo que ela esteja ausente, morta – como acontece nos poemas de António Patrício: Isabel é a rainha moribunda e Inês, a rainha entronada depois de morta – é o ponto de partida de onde parte a fantasia de poetas e cronistas.

É a sensualidade transformada em ânsia de sacrifício, no desejo revelado pelo macho de mostrar a sua coragem, de correr perigos, de ser forte, de sofrer e sangrar diante da amada. (...) O homem não se contentará somente em sofrer; ambicionará salvar do perigo ou do desespero o objeto de seu desejo. (HUIZINGA, 1978, p. 74)

Essa estilização do amor parece ser fruto de uma necessidade dos homens de todos os tempos, uma força tão vibrante quanto a vida. O amor é um ritual transbordante de apelo passional, capaz de engendrar um sistema simbólico de normas que modula as emoções e auxilia o homem a escapar da barbárie. O espírito humano precisa dessas formas simbólicas para sobreviver.

Nesse contexto, a morte não é uma representação macabra; ela é o limite entre a brevidade das glórias – dentre elas, o amor – e dos infortúnios terrenos e a possibilidade, por via do reconhecimento das limitações humanas, da redenção da alma e da extensão eterna de um amor que nasceu terreno. Nos textos analisados em nossa pesquisa, com destaque para os poemas de António Patrício, a morte é extensão natural da vida:

Dinis, como a si mesmo

Só a morte é real, e quando a vemos, tudo recua em corredores de sonho...

O Bobo

A mim lembra-me um conto, tudo isto. A Morte está a contá-lo, está a contá-lo, ela ficou assim p'ra ouvir melhor...

Dinis

Não quero que acabe. Não acaba. (Como implorando) Ninguém venha ainda...

(...) Não quero mal à Morte: está connosco. Sinto-a à nossa roda. (PATRÍCIO, 1919, p. 168-169)

Pedro

Parece-me... parece, minha Inês, que despertei... Estava a teu lado... Tu – sempre dormindo. Ergui a pedra do outro Paço... do meu lar... E ainda com terra da cova, ainda contigo... voltei a Portugal... do outro reino... (Levanta a mão-cheia de terra: beija-a: fica a olhá-la) (...) A terra... a terra que fechou a tua boca – o segredo do amor p'ra além da Morte... (Beija-a de novo) É terra santa. (PATRÍCIO, 1925, p. 81)

Quanto aos textos históricos, a morte é vista de modo mais doloroso, porém, com a mesma expectativa de um possível reencontro n'outro nível que não o terreno. Sabemos que Isabel de Aragão morreu depois de D. Dinis e após a morte do rei, teria proferido as seguintes palavras:

Pois Deus por seu grande poder e profundo juízo houue por bem, que ha morte delRey meu senhor e marydo antecypase a minha, e sem su vyda eu fico e sou tamto como morta, e de rezão eu oje mory com ele, (...) Porque a vyda que sem ele vyver, seja com doo e trysteza pera sempre.

(TAROUCA, 1947, p. 242)

Na *Crónica de D. Pedro*, no capítulo em que se narra a transladação de Inês de Castro para Alcobaça, o cronista reforça o papel da memória na manutenção da presença da morta:

Porque semelhante amor qual el-rei Dom Pedro houve a Dona Inês raramente é achado nalguma pessoa, porém disseram os antigos que nenhum é tão verdadeiramente achado como aquele cuja morte não tira da memória o grande espaço de tempo. (LOPES, 1977, p. 166)

Ao retomar e revitalizar mitos caros à cultura portuguesa – o amor entre Dinis e Isabel e Pedro e Inês –, António Patrício conseguiu captar e representar os anseios do espírito humano e que, por isso, resistem à ação do tempo. O poeta busca o retorno ao

princípio erótico/vital, conservado sob o manto da morte, visto que perdido na vulgarização e na cassação da naturalidade humana perpetradas pela sociedade materialista e tecnicista do século XIX.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 2. ed. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Trad. Augusto Abelaira. São Paulo: Verbo; Editora da USP, 1978.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro*. [s.l.]: Horizonte, 1977.
- MICHAUD, Stéphane. *Idolatria: representações artísticas e literárias*. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. Trad. Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, [s.d.]. (V. 4 – O século XIX)
- PATRÍCIO, António. *Dinis e Isabel – conto de primavera*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1919.
- _____. *Pedro, o Cru*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1925. 2ª ed.
- TAROUCÁ, Carlos da Silva (org.). *Crónica de D. Dinis. Edição do texto inédito do Cod. Cadaval 965*. Coimbra : Universidade de Coimbra, 1947.